

A DISLALIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Camila Silva Bueno¹
Maria Cecília Martínez Amaro Freitas²

Resumo

A dislalia é um transtorno da linguagem perceptível na fala e, para aqueles que a desconhecem, instala-se a crença de que o indivíduo não saber pronunciar corretamente os fonemas por não ter conhecimento adequado da língua, podendo acarretar assim diversos problemas para o indivíduo. Nesse sentido, o presente estudo visa compreender as consequências que um aluno com dislalia enfrenta durante o seu processo de aprendizagem. Realizado por meio de pesquisas bibliográficas, o artigo inicialmente delinea o conceito de dislalia, bem como sua origem, logo discute se o aluno dislático sofre alguma perda no processo de aprendizagem devido a sua condição e, finalmente, apresenta como esse aluno deve ser tratado em sala de aula. A pesquisa permite compreender que o aluno pode sofrer repreensões que podem acarretar frustrações para a vida adulta; por essa razão, a escola, unidade de formação, deve estar atenta para proceder com o encaminhamento do aluno a uma equipe multidisciplinar. Logo, o professor deve adquirir conhecimento sobre o assunto para identificar e acompanhar, com os pais, o desenvolvimento da criança, a fim de definir metodologias que possam garantir uma melhor qualidade no ensino.

Palavras-chave: Dislalia, Linguagem, Distúrbio.

INTRODUÇÃO

Durante o processo educacional surgem diversos problemas que desafiam professores em sua prática pedagógica, não somente provenientes do processo de aprendizagem, mas também envolvendo questões de saúde que, normalmente, não são abarcados em sua formação acadêmica. Um desses importantes distúrbios refere-se à dislalia.

Esse tema ainda suscita investigação, pois no universo do ensino e aprendizagem percebemos que existem casos em que a linguagem de alunos enfrenta sérios problemas que podem comprometer até sua vida adulta. Nesse sentido, autores como Jakubovicz (1997), Cabrera (1999), Lima (2008), Eberhart e

¹ Acadêmica graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA; 2018-2

² Mestre em Linguística Aplicada. Professora do ISE/UniEVANGÉLICA, Orientadora da Pesquisa

Caduro (2013), Menezes, Souza e Silva (2013), Souza e Fontanari (2015), Sousa (2016) realizaram estudos que contribuem com uma compreensão sobre a dislalia.

Para Eberhart e Caduro (2013), a dislalia é o transtorno de linguagem mais simples de identificar nas crianças, pois é uma das dificuldades de aprendizagem mais sérias. Souza e Fontanari (2015) apontam as trocas de sons, como características do transtorno como: /p/ por /b/; /f/ por /v/ ou /s/; /t/ por /d/; /j/ por /z/; /x/ por /s/. Com isso, Sousa (2016) acredita que a dislalia não deve ser vista pelo professor como um processo de insucesso.

Nesse sentido, este estudo, de cunho bibliográfico, busca compreender as consequências que um aluno com dislalia enfrenta durante o seu processo de aprendizagem. Para tanto, inicialmente conceitua e caracteriza a dislalia; logo, discute se o aluno dislático sofre alguma perda no processo de aprendizagem devido à sua condição; e, finalmente, apresenta como o aluno dislático deve ser tratado em sala de aula.

1. A dislalia e suas origens

Ao se produzir o som da fala, existe todo um processo que vai desde a respiração, sinapses neurais até a articulação da boca (língua e dentes) e, na escrita, é produzido da maneira que falamos. Dessa forma, se existe algum distúrbio no processo da fala, por conseguinte, a produção da escrita poderá ser afetada.

Um dos distúrbios da fala é a dislalia que, de acordo com Menezes, Souza e Silva (2013, p. 67) consiste em “(...) um distúrbio que acomete a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras, provocando fala errônea das palavras, acontecendo a omissão ou troca de letras.”. Souza e Fontanari (2015) explicam que esse distúrbio é bastante comum na sociedade e que pode interferir no aprendizado da escrita.

Eberhart e Caduro (2013, p.10) esclarecem que

Na dislalia surge uma alteração na fala, onde há imprecisão articulatória afetando padrões de produção de sons da língua, relacionados às fases de programação e ou execução neuromotora. Esta ocorre quando a criança está começando a falar.

Nota-se que as definições dos autores são convergentes, pois concebem a dislalia como uma disfunção de linguagem perceptível na pronúncia inadequada das palavras em decorrência de alterações do aparelho fonador.

A etimologia da palavra dislalia vem do grego, o termo “dys” que significa dificuldade e “lalien”, do verbo falar (LIMA, 2008).

Em conformidade com o processo histórico explicado por Cabrera (1999), os transtornos da fala antigamente eram diagnosticados como “dislabia”. Entretanto, nos anos 30 do século XIX, o suíço Schuller utilizou o termo “dislalia” para distingui-lo do termo “alalia” que se refere à ausência de linguagem. Posteriormente, outros estudiosos como Kussmaul (1879), Berkan (1892), Gutzman (1927), Liebmann (1924), Froschels (1928) mantiveram o termo dislalia com o significado que temos até hoje.³

A dislalia pode caracterizar-se de quatro formas diferentes, tais como: evolutiva, que desaparece durante o desenvolvimento; funcional, se desenvolve devido as distorções dos sons com as letras; audiógena, acarreta erros nas pronúncias por deficiência auditiva ou até por lesões no encéfalo e orgânica, provoca uma estrutura de comunicação incorretas (SOUZA, & FONTANARI, 2015).

Estudos conduzidos por fonoaudiólogos demonstram que na dislalia ocorre, normalmente, a substituição do som /R/ por /L/”, pois ocorre “(...) alteração de padrões articulatorios que conduzem a realizações sonoras do sistema linguístico.” (LIMA, 2008, apud SOUSA, 2016, p. 7). Esse distúrbio manifesta-se na pronúncia de palavras de formas diferentes, seja ela, por omissão, substituição, acréscimo e/ou por deformação dos fonemas, como por exemplo, /Aela aanha/ (Aquele aranha), /Atelântico/ (Atlântico), /Tota-Tola/ (Coca-cola), /balata/ (barata), /pobrema/ (problema), /Framengo/ (Flamengo) /socollo/ (socorro). (NASCIMENTO, CARVALHO, COSTA, & BASTOS, 2007)

Compreende-se, então, que os erros mais comuns na dislalia são fonéticos e fonológicos, acontecendo, respectivamente, por distorções ou anomalias no processo auditivo ou neuromuscular, assim como por problemas na habilidade de planejar ou executar o sistema articulatorio seletivo, com sistema próprio e sistemático (JAKUBOVICZ, 1997).

Para explicar o fenômeno das dislalias, Winitz (1969 apud JAKUBOVICZ, 1997) levantou algumas hipóteses em relação à família, ao desenvolvimento físico,

3 Material de apoyo a los programas del curso de logopedia y foniatria. Ministerio de salud pública. Dirección nacional de docencia media. Ciudad de La Habana, 1980.

às anormalidades orgânicas e às dificuldades perceptuais que podem ocorrer nessas crianças.

De fato, a criança repete sons incorretamente emitidos pelos pais, que podem ser ocasionados pela idade, conflitos, defeitos de fala ou físicos. Porém, o adulto (à princípio) não percebe os erros nas articulações da criança. Essa incorreção na fala pode ocasionar doenças cerebrais ou atraso no desenvolvimento físico / mental / linguístico ou ausência de treino completo da articulação de modo suficiente. Até mesmo, podem ocorrer perdas, dificuldades e memórias auditivas, discriminação fonética e de análise dos sons (WINITZ, 1969 *apud* JAKUBOVICZ, 1997)

Ripper (1963 *apud* JAKUBOVICZ, 1997), após um estudo sobre os erros constantes nas dislalias, percebeu erros no contato, velocidade, estrutura, duração ou direção, força e sonorização do contato da língua. Isso devido a criança dislállica apresentar respiração e pressão intra-oral dos movimentos de forma incorreta, bem como os mecanismos velofaríngeos não funcionando ou funcionando de forma deficitária.

Compreende-se, então, que a dislalia é avaliada como um procedimento que envolve o organismo humano e que acarreta distúrbios na fala, bem como a possibilidade de distúrbios na escrita. A troca de sons aponta essa má articulação nas palavras, que pode prejudicar o desenvolvimento da criança. Sendo assim, é muito importante que a articulação da criança seja avaliada para realizar as intervenções necessárias, evitando maiores prejuízos futuros.

2. O aluno dislállico e o processo de aprendizagem

Durante a primeira infância é normal que a criança produza erros articulatórios, pois essa articulação defeituosa é necessária para o alcance dos sons da língua. Tal fato ocorre em função de a criança focar sua atenção no som isolado dentro da palavra (JAKUBOVICZ, 1997).

Nesse mesmo período do desenvolvimento humano, um número considerável de crianças apresenta dificuldades de aprendizagem e precisa de ser submetidas à avaliação e intervenção profissional, pois essas variam em forma e nível de gravidade (DOCKERELL, 2000 *apud* EBERHART, & CAUDURO, 2013). Essas dificuldades podem afetar diretamente a criança, deixando-as desestimuladas e constrangidas por pressões dos pais, colegas e da própria escola. Sendo assim,

identificar o problema por meio da ação técnica empreendida por um profissional adequado é crucial para o treino e evolução do aluno.

Segundo Souza e Fontanari (2015, p. 3):

Ao longo do desenvolvimento infantil, observamos alguns distúrbios da fala, que inicialmente são considerados pelos pais 'bonitinhos' e 'engraçadinhos', mas que merecem atenção e correção, podendo tornar-se erro persistente. Os erros linguísticos podem afetar drasticamente a vida familiar e social dos acometidos por tais distúrbios, caso não sejam tratados. O auxílio dos pais, professores e demais profissionais especializados são essenciais para que o tratamento seja realizado com sucesso.

É comum, aos 8 anos de idade, a criança conseguir emitir todos os sons necessários para a fala, e isso é algo que deve ser bem observado (SOUZA, & FONTANARI, 2015). Normalmente, a dislalia é identificada no período escolar, sendo observada em discentes ativos como distúrbios articulatórios e, na falta dessa observação e de tratamento, a criança permanece com dificuldade até a sua fase adulta (SOUZA, & FONTANARI, 2015).

Quando acompanhada, a criança dislálida pode desenvolver uma linguagem normal ou permanecer com leves retardos, visto que ela possui habilidades para imitar sons. Como ressaltado, essa dificuldade de articular as palavras pode ter origem orgânica ou funcional. E, em sendo funcional, pode ocorrer devido a imitações errôneas, alterações emocionais ou fatores hereditários (NASCIMENTO, CARVALHO, COSTA, & BASTOS, 2007)

Para Teixeira (1988), as desordens infantis da linguagem e da fala, em crianças que apresentem problemas linguísticos, parecem ter um desenvolvimento intelectual, auditivo, psicomotor e social normal.

No que tange à escrita, observa-se que há alterações nas suas produções, ocorrendo trocas das letras, pois escreve expressando as incorreções que manifesta na fala.

Em se tratando da dificuldade de um discente dislálido, visto por vezes como engraçado, o professor tem que se manter como um agente transformador para a apropriação do texto, da escrita, da fala e, principalmente, para a participação social desse aluno (SOUSA, 2016).

Os estudos apresentados até o momento evidenciam que a dislalia, apesar de ser considerada como um distúrbio na linguagem, pode ocasionar episódios de *bullying*, principalmente provocados por outras crianças, levando à timidez e introspecção nas produções orais desses alunos.

Percebe-se que o déficit do desenvolvimento de alunos com distúrbios articulares ocorre por alguns pontos, como: a lotação de alunos nas salas de aula, assim como pela falta de recursos tanto material, financeiro, quanto de especialistas e auxiliares. Até mesmo o não envolvimento eficaz da família, pois o trabalho com dislálidos, deve ser conduzido por uma prática de superação das dificuldades na aprendizagem e socialização dos mesmos.

A cultura dentro do ambiente familiar, no entendimento da comunicação e das práticas de convivência, deve ser melhor avaliada, pois o erro dessa comunicação pode agravar de forma permanente a estrutura linguística do indivíduo. Dessa forma, é importante reconhecer que aos 8 anos de idade, a criança consegue emitir todos os sons necessários para a fala (SOUZA, & FONTANARI, 2015).

Quando se percebe a falta de apoio dentro de casa e na escola, a criança, que um dia se posicionará como adulto, convivendo com pessoas, existindo uma não eficácia no tratamento da dislalia, o problema exposto nas ações de discórdia nos atos familiares, profissionais e sociais limitarão esse indivíduo. Portanto, tanto os pais, quanto a escola precisam estar muito atentos aos erros cometidos pelas crianças e não acharem apenas “engraçadinho” e/ou “bonitinho” essas produções erroneamente cometidas (EBERHART, & CAUDURO, 2013).

3. O aluno dislático na sala de aula

É na escola que os princípios da aprendizagem são construídos e aprimorados, e devem estar permeados de incentivos para que os estudantes possam percorrer caminhos do saber, fortalecendo suas identidades. Dessa forma, para que haja equidade no ensino, a linguagem, o letramento e a inclusão devem articular-se nas capacidades e destrezas dos estudantes (SOUSA, 2016).

Segundo Sousa (2016, p. 2):

O processo de socialização traz implícito a potencialização das capacidades de interação e, conseqüentemente, de desenvolvimento da linguagem. Nessa perspectiva, a escola, na função de instituição sistematizadora do conhecimento, cumpre, ainda, a missão de permitir o acesso ao saber a todos os educandos, sejam crianças, adolescentes, jovens e adultos a terem as mesmas oportunidades de aprender, questionar, participar e se mostrarem como sujeitos autores de suas trajetórias.

Sendo assim, todos os discentes precisam socializar-se, integrar-se, e que a eles seja oportunizada a aprendizagem com todos elementos, além do ambiente escolar. (SOUSA, 2016).

Considerando todos os tipos de comunicação, desde a oral à escrita, a escola com uma postura social, mas construtivista, deve ampliar a visão dos conceitos da linguagem assegurando a todos, inclusive ao aluno dislático, possibilidades para o desenvolvimento. Assim, tem como desafio, além de alfabetizar, permitir e impulsionar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, respeitando as mais variadas maneiras de aprendizagem (SOUSA, 2016).

De acordo com Goldfeld e Chiari (2005 *apud* SOUSA, 2016, p.2)

A aquisição da linguagem, assim como todos os aprendizados infantis acontecem de forma lúdica. Brincando, a criança adquire e utiliza os conceitos e, ao mesmo tempo, a brincadeira incorpora características mais complexas de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. Ou seja, o desenvolvimento da linguagem e da brincadeira são interdependentes.

O aumento do conhecimento, ao longo do processo sistemático do letramento, trata da sociabilidade entre os indivíduos. As formas como a escola potencializa o letramento, abordando estruturas textuais, deixa acontecer o processo de aprendizado, mediando e facilitando tipos de informações, caracterizando a necessidade do esclarecimento de produzir escrita e com isso, a comunicação se torna necessária (SANTOS; ALBURQUEQUE; MENDONÇA, 2007 *apud* SOUSA, 2016).

Em se tratando do aluno com dislalia, as atividades, o trabalho metodológico desenvolvido por meio de textos e contextos, é essencial para a sua autonomia. O entendimento de determinadas sequências textuais, em que o professor oferece suporte, permite gerar transformações no desenvolvimento desse aluno, como pesquisas, debates e correlações entre teoria e prática. Diante disso, e conforme Sousa (2016, p. 4), “O trabalho com a linguagem e com a ampliação do letramento parte da funcionalidade que se atribui ao processo de ensinar e aprender.”

Evidentemente, identificar se há algum transtorno linguístico, como a dislalia, em uma criança, não é responsabilidade apenas do professor, visto que isso depende de um acompanhamento especializado. Dessa forma, o docente deve aprimorar seu olhar para perceber se pode identificar algo além daquela pronúncia inadequada e alertar a família para que observe e/ou investigue melhor a fala da criança. Todavia, ocorrendo casos de alunos disláticos, os educadores devem trabalhar a linguagem com seus discentes utilizando, de maneira adequada, os órgãos fonoarticulatórios (DUARTE *et al.*, 2007, *apud* SOUSA, 2016).

Verificar a não articulação na linguagem da criança, as distorções das palavras, significa um alerta para a busca de tratamento eficaz, que auxilia ao trabalho da aprendizagem da leitura e escrita, que resulta a materialização do conhecimento da linguagem (SOUZA, & FONTANARI, 2015).

O professor não deve entender o aluno com dislalia como um insucesso na vida escolar, e sim, que esse aluno dislático irá produzir uma escrita conforme sua fala, com substituição de letras. Além disso, “Algumas questões necessitam do acompanhamento de profissionais especializados de forma que direcionarem o trabalho contemplando todas as aprendizagens decorrentes da diversidade presente na sala de aula.” (SOUSA, 2016, p. 6).

Observa-se que a construção do conhecimento da criança, acontece, entre outros fatores, pela formação das palavras e seus encaixes. Na solidificação desse aprendizado, ela precisa de interação e identificação das potencialidades.

Dessa forma, Piaget (*apud* SOUZA, & FONTANARI, 2015, p. 7) explica que

(...) a criança nasce com uma capacidade inata de aprender, e o conhecimento e desenvolvimento da criança dependem de estímulos externos, ou seja, exposição ao meio. Para que se adquira conhecimento, deve haver uma transferência e consequente assimilação, de forma que o professor é o mediador da aprendizagem.

O professor deve estar atento aos erros dos alunos, para evitar possíveis constrangimentos dentro e fora da sala de aula, identificando os problemas que estão relacionados ao conjunto de disfunções dos seus discentes (SOUZA, & FONTANARI, 2015). Deve trabalhar, também, com planos para prevenir casos de *bullying* cometidos por outras crianças em relação aos discentes disláticos, no incentivo da comunicação e aprendizado a todos os discentes. Deve compreender que a convivência fora e dentro da escola influencia a linguagem da criança e, que com esse contato, ela igualmente aprenderá a perceber o espaço e será influenciada pela culturalização do local.

Sendo assim, nota-se que para lidar com a dislalia na escola é necessária uma parceria entre pais e professores, prestando atenção no comportamento da criança que pode apresentar alterações emocionais, orgânicas, específicas e ambientais, procurando um auxílio especializado, sem deixar de auxiliá-la e motivá-la para a aprendizagem e a socialização. Partindo desse trabalho em conjunto, os problemas, os esforços, as compreensões, a colaboração e a flexibilização de todas as partes envolvidas no processo, poderá haver a contribuição para a evolução da criança (EBERHART & CAUDURO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo salientou que para se compreender quais são as consequências que um aluno com dislalia enfrenta durante seu processo de aprendizagem, é importante considerar diferentes aspectos como o controle e a observação, a avaliação junto à coordenação, à equipe multidisciplinar e aos pais, para promover uma proteção maior à criança.

Definiu como a dislalia se expressa na fala por meio da comunicação incorreta e que pode acabar afetando a escrita, caracterizando-se de quatro formas distintas (evolutiva, funcional, audiógena e orgânica) com erros notórios nos fonemas por meio de omissões, acréscimos, substituições ou deformações.

Destacou ainda que, no processo de aprendizagem do aluno dislático, os aspectos intelectual, auditivo, psicomotor e social retratam que, normalmente, para o alcance dos sons da língua e escrita correta, o seu treino e evolução são de suma importância, bem como o acompanhamento de um profissional adequado, além do auxílio e atenção de seu professor e de sua família.

A respeito do acompanhamento que o aluno dislático deve ter em sala de aula observou-se que o professor deve auxiliá-lo em seu desenvolvimento por meio do processo de socialização, oferecendo suporte para impulsionar e viabilizar as atividades nas produções textuais e orais desse aluno.

Durante a pesquisa, observou-se a escassez de publicações relacionadas ao tema, o que sinaliza ser um assunto pouco discutido no meio acadêmico. Assim, constata-se que muitos profissionais do ramo da educação desconhecem o transtorno, o que acarreta dificuldades para o aluno ter acesso a um ensino de qualidade. Dessa forma, considera-se necessário que haja mais pesquisas sobre o tema, capazes de instrumentalizar o professor a oferecer um acompanhamento mais adequado, com metodologias assertivas que contribuam com o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CABRERA, Norma Regal. Dislalias. In: Revistas Médicas Cubanas. Volume 14 N.2. Julho – dezembro, 1999. Disponível em: <http://bvs.sld.cu/revistas/ord/vol14_2_99/ord06299.pdf> Acesso em: 03/09/18

EBERHART, Daiane; CAUDURO, Maria Teresa. **Aspectos Relevantes Para Trabalhar Com O Transtorno Da Dislalia**. In: Educação física e pedagogia [e-book]: um encontro possível / Organizadoras: Maria Teresa Cauduro, Eliberto Lanza Cavalheiro. – Frederico Westphalen, RS: URI – Frederico Westph, 2013. Disponível em:

<<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/publicacoes/publicacoesarquivos/171.pdf#page=10>> Acesso em: 20/03/2018.

JAKUBOVICZ, Regina. Dislalia. In: **Avaliação, Diagnóstico e Tratamento em Fonoaudiologia**: Disfonia, Disartria e Dislalia. REVINTER. Ex. 2. 1997. Rio de Janeiro – RJ

LIMA, Rosa. **Alterações nos sons da fala: o domínio dos modelos fonéticos**. Saber (e) Educar. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 13 (2008), p. 149-157. Disponível em:

<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/941/2/SeE_13AlteracoesSons.pdf> Acesso em: 23/08/2018.

MENEZES, Maria Roseane Gonçalves de; SOUZA, Eunice da Silva; SILVA, Jocilene Maria da Conceição. **Distúrbios De Fala No Cotidiano Escolar: Disfemia E Dislalia, Considerações Sobre O Processo De Aprendizagem E Interação Interpessoal Das Crianças Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental**. In: Atas do 1º Congresso Internacional de Psicologia, Educação e Cultura Desafios Sociais e Educação: Culturas e Práticas / Organizadores: Leandro Almeida, Alexandra Araújo, Ana Paula Cabral, José Cruz, José Carlos Morais e Mário Simões. Vila Nova de Gaia, Edições ISPGaya – Junho de 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274248506_Percepcao_de_aquisicao_de_conhecimentos_em_alunos_do_1_ano_do_Ensino_Superior_da_area_artistica> Acesso em: 03/05/2018.

NASCIMENTO, Francisco de Assis do; CARVALHO, Jander Ramos; COSTA, Priscila Márcia de Andrade; BASTOS, Rafael Lira Gomes **Como ocorrem os distúrbios da linguagem oral e da comunicação na criança**. In: Psicologia.pt O Portal dos Psicólogos. 2007. Disponível em: <www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0086&area=d3&subarea>

Acesso em: 24/09/2018.

SOUZA, Mariana Castro, FONTANARI, José Fernando. **Dislalia na Escola - Psicologia da Educação II**. IFSC – Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20152/SLC0631-1/Dislalia%20na%20escola.pdf>> Acesso em: 20/03/2018.

SOUSA, Ivan Vale. **Letramento, Linguagem e Inclusão**: um estudo dislítico em Maurício de Sousa. ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1334/665>> Acesso em: 12/02/2018